



O TRAÇADO DA VIA ROMANA *BRACARA - ASTURICA*, POR *AQUAE FLAVIAE*, NO CONCELHO DE VIEIRA DO MINHO



RELATÓRIO

Luís Fontes e Ana Roriz

TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS DA U.A.U.M. / MEMÓRIAS, N.º 21, 2012

Ficha Técnica

Editor: **UNIDADE DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO MINHO**
Avenida Central, 39
P 4710-228 Braga

Direcção: **LUÍS FONTES E MANUELA MARTINS**

Ano: **2012**

Suporte: **EM LINHA**

Endereço electrónico: <https://www.uaum.uminho.pt/edicoes/revistas>

ISSN: **1647-5836**

Título: **O TRAÇADO DA VIA ROMANA *BRACARA – ASTURICA*, POR *AQUAE FLAVIAE*, NO CONCELHO DE VIEIRA DO MINHO. RELATÓRIO.**

Autor: **LUÍS FONTES e ANA RORIZ**



Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS

n.º 21

2012

O TRAÇADO DA VIA ROMANA *BRACARA - ASTURICA*, POR *AQUAE FLAVIAE*, NO CONCELHO DE VIEIRA DO MINHO

RELATÓRIO

Luís Fontes e Ana Roriz

Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho
2004

Os responsáveis do estudo reservam-se todos os direitos autorais, nos termos da legislação aplicável, designadamente os consagrados nos Decreto-Lei nº 332/97 e 334/97, de 27 de Novembro (que regulamenta os direitos de autor e direitos conexos) e a lei 50/2004, de 24 de Agosto (que transpõe para a ordem jurídica nacional a Diretiva nº 2001/29/CE, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 22 de Maio, relativa a direitos de autor e conexos).

O presente relatório foi elaborado para informar os trabalhos de limpeza da via antiga no concelho de Vieira do Minho, no âmbito do projeto “Vias Augustas”. Os trabalhos arqueológicos de acompanhamento foram autorizados pelo IPA/Instituto Português de Arqueologia (ofício n.º 08104, de 08.07.2004).

1. Introdução

O presente relatório destina-se a informar a Câmara Municipal de Vieira do Minho (CMVM), relativamente ao traçado da via romana Braga / Chaves na área do concelho de Vieira do Minho.

Tal solicitação resultou da necessidade de, no âmbito do programa “Vias Augustas”, de que CMVM é parceira, proceder à limpeza dos troços de via antiga eventualmente conservados.

Considerando que a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho (UAUM), é responsável pela elaboração do Inventário do Património de Vieira do Minho, ao abrigo do protocolo existente entre a CMVM e a Universidade do Minho, entendeu-se solicitar à UAUM que orientasse prioritariamente os trabalhos de inventário para a indentificação do referido traçado da via romana.

São os resultados desse trabalho que se apresentam neste relatório, que inclui, para além da introdução, um segundo capítulo sobre as metodologias de recolha e análise de dados, um terceiro capítulo em que se apresentam e analisam criticamente os dados recolhidos, um quarto em que se propõe uma restituição do traçado da via, que se ilustra com fotografias e mapas e um quinto e último capítulo com conclusões e recomendações.

Os signatários, a Unidade de Arqueologia e a Câmara Municipal de Vieira do Minho, reservam-se os direitos de autoria, ao abrigo dos Decreto-lei n.º 332/97 e 334/97, de 27 de Novembro.

2. Metodologias

Para a recolha de dados seguiram-se dois procedimentos: pesquisa bibliográfica e documental e prospecção de terreno.

Procurou recolher-se toda a produção bibliográfica (monografias e revistas) relativa ao traçado da via Braga/Chaves, organizando-se um dossiê com todas as referências ao traçado da via romana no concelho de Vieira do Minho.

Relativamente à documentação, consultaram-se as “Inquirições” do século XIII, os manuscritos modernos do Arquivo Distrital de Braga e as “Memórias Paroquiais” de 1758, com o objectivo de identificar referências directas e/ou indirectas à existência de uma via antiga entre Braga e Chaves.

Com base numa primeira implantação cartográfica das referências identificadas na bibliografia e na documentação, efectuaram-se prospecções de campo de intensidade média/alta, através das quais, numa primeira fase, se procurou confirmar a informação previamente recolhida e identificar com detalhe o traçado da via e, numa segunda fase, detectar vestígios inéditos que pudessem correlacionar-se com a existência de uma via, (registamos não só os vestígios específicos da antiga estrada Braga – Chaves, como também povoados, pontes, pontões, alminhas, capelas e topónimos, que pudessem testemunhar a sua existência).

No decurso dos trabalhos de campo exploraram-se também as fontes orais, recolhendo-se informações directamente dos moradores mais idosos nas proximidades dos arqueossítios e nos povoados.

No que concerne à análise dos dados bibliográficos e documentais, procedemos à sua leitura crítica, da qual resultou a selecção dos estudos de referência para confronto com a nossa análise.

Relativamente à análise dos dados arqueológicos, consideramos fundamental proceder a uma leitura diacrónica de longa duração, para identificar as diversas estruturas de povoamento e respectivas redes viárias associadas que se organizaram no território em estudo. Nesta perspectiva, tivemos em consideração, para além das características específicas da topografia, a proximidade do eventual traçado em relação a povoados pré-romanos, romanos e medievais.

Considerando que a bibliografia existente contemplava dois possíveis traçados, um pela vertente Norte e outro pela vertente Sul, alargamos o nosso estudo às duas vertentes referidas (freguesias de Tabuaças, Soengas, Caniçada, Ventosa, Cova, Louredo, Salamonde, Ruivães, Campos, Anjos, Pinheiro, Cantelães e Eira Vedra).

3. Descrição e análise de dados

Do trabalho realizado resultou o agrupamento dos dados em quatro grandes conjuntos, a saber: arqueológicos, documentais, orais e historiográficos. Destacam-se, entre todos, os dados arqueológicos, nos quais releva a identificação de novos arqueossítios e os dados orais, que permitiram esclarecer a localização de alguns topónimos importantes, possibilitando, uns e outros, uma mais fundamentada restituição do traçado original da via antiga entre Braga e Chaves.

Dados arqueológicos

Nota preliminar: a listagem dos arqueossítios que a seguir se apresenta foi extraída da base de dados do inventário do património de Vieira do Minho, que está em elaboração. Para facilitar a leitura do traçado, ordenaram-se de acordo com o sentido Braga-Chaves. Das respectivas fichas, seleccionaram-se apenas os campos considerados necessários à identificação, localização e caracterização dos arqueossítios. Quando não se indica bibliografia, significa que não se conhece qualquer referência publicada, pelo que a sua identificação neste trabalho deve ser considerada como inédita.

Sítio 133 Caminho do Pousadouro

Freguesia TABUAÇAS

Longitude 566,4

Latitude 4609,2

Descrição

Troço bem conservado da antiga estrada Braga – Chaves, que a população local diz ser o antigo caminho romano. Hoje alcatroada, esta estrada passa pelo meio da povoação, que conserva ainda a malha urbana oitocentista, com inúmeras casas de arquitectura tradicional.

Interpretação

Troço da antiga estrada Braga-Chaves.

Referências Bibliográficas (Capela 1987, 52-57)

Sítio 59 Caminho da Rechã

Freguesia CANIÇADA

Longitude 569,5

Latitude 4611,8

Descrição

Este caminho do lugar da Rechã situa-se junto à EN 103 entre o KM 70 e 71. Neste lugar ainda se observam muitas casas antigas de granito, espigueiros e moinhos. Uma das casas apresenta características de ter sido uma taberna, o que

confirma a passagem de uma via. Segundo fontes orais, este caminho já existia quando renovaram a EN, ou seja, a circulação era feita por este caminho.

Interpretação

Troço da antiga estrada Braga-Chaves.

Sítio 69 Caminho do Penedo

Freguesia CANIÇADA

Longitude 569,2

Latitude 4611,3

Descrição

Neste caminho antigo, junto à EN 103, ainda se conservam alguns afloramentos rochosos com marcas de rodados de carros. O traçado deste caminho segue a morfologia do terreno e passa junto a um ribeiro. Consideramos que este caminho será a continuação do caminho da Rechã.

Interpretação

Troço da antiga estrada Braga-Chaves.

Sítio 122 Outeiro do Crasto

Freguesia COVA

Longitude 569,5

Latitude 4614,53

Descrição

O Outeiro do Crasto apresenta uma topografia bem característica dos povoados fortificados. No entanto, no terreno só conseguimos observar algum espólio da época romana. Não são visíveis quaisquer ruínas de estruturas habitacionais ou de muralhas, admitindo-se que possam conservar-se soterradas nos socalcos das vertentes. No topo foi construída uma capela, à qual se acede por um escadório, inacabado. As fontes documentais também não referem este sítio arqueológico.

Interpretação

Pelas condições topográficas, pela toponímia e pelo espólio encontrado num dos perfis, consideramos que este outeiro terá sido um povoado antigo, com ocupação romana, tendo-lhe sido atribuída uma cronologia genérica dos últimos séculos a.C. aos primeiros séculos da nossa era.

Sítio 187 Caminho das Gavinheiras

Freguesia COVA

Longitude 571,15

Latitude 4614,1

Descrição

O caminho das Gavinheiras passa pelo aglomerado de casas mais antigas, construídas em granito. Neste lugar ainda se pode observar espigueiros, um

sequeiro, um moinho, e a capela de N^a Sr^a da Begonha. Fontes orais dizem que este caminho era usado antes de alargarem a estrada actual.

Interpretação

Troço da antiga estrada Braga-Chaves.

Sítio 124 Caminho do Outeiro

Freguesia LOUREDO

Longitude 572,9

Latitude 4614,59

Descrição

O caminho do Outeiro situa-se junto às casas do lugar. Actualmente só serve os moradores locais, tendo sido interrompido com a construção de uma casa. Neste caminho podemos observar casas antigas e alguns moinhos. Segundo a população, antes de "alargarem a Estrada Nacional o caminho era este".

Interpretação

Troço da antiga estrada Braga-Chaves.

Sítio 88 Caminho do Sudro

Freguesia LOUREDO

Longitude 573,88

Latitude 4614,8

Descrição

O caminho antigo do Sudro passa junto às casas mais antigas do lugar, acompanhando a curva de nível. Neste caminho observamos alminhas, espigueiros, casas de arquitectura tradicional, entre as quais duas tabernas, três fontes e uma casa, onde segundo os populares "era uma antiga estrebaria para a muda de cavalos, e o caminho era a antiga estrada Braga – Chaves".

Interpretação

Troço da antiga estrada Braga-Chaves.

Sítio 102 Caminho da Aldeia

Freguesia SALAMONDE

Longitude 575,45

Latitude 4615,2

Descrição

O caminho antigo que a população chama de "caminho romano" situa-se junto às casas, desenvolvendo-se no sentido Este-Oeste. Neste caminho observa-se casas antigas em granito, algumas das quais datadas dos séculos XVII e XVIII, distinguindo-se algumas antigas tabernas.

Interpretação

Troço da antiga estrada Braga-Chaves.

Sítio 55 Outeiro da Coroa

Freguesia SALAMONDE

Longitude 576

Latitude 4615,54

Descrição

O Outeiro da Coroa situa-se a cerca de 450 m de altitude e é cercado por linhas de água. A vegetação que domina é apenas herbácea e arbustiva (giestas). Recentemente instalaram linhas de alta tensão, o que provocou parte da destruição do outeiro. Nos perfis recolheu-se cerâmica tipo “castreja”, fragmentos de pavimento argamassado e material de construção romano. Segundo os moradores, ao abrir os alicerces para a construção de uma casa encontrou-se uma mó (dormente e movente) e uma moeda, que se admite ser de tipologia romana, de acordo com descrição feita (uma esfinge e do outro lado o que "parecia uma coroa"). As vertentes estão armadas em largas plataformas, sustentadas por taludes elevados. Não se observam vestígios de muralhas nem alinhamentos de estruturas, mas os muros de divisão de propriedades e alguns muros de suporte de terras incorporam muitos blocos graníticos parcialmente afeiçãoados, característicos das construções “castrejas” e romanas.

Interpretação

Pelas condições topográficas, assim como pelo espólio encontrado e referenciado, este outeiro terá sido um povoado, com uma ocupação que se poderá situar entre os últimos séculos a.C. e os primeiros séculos da nossa era.

Sítio 134 Caminho do Outeiro dos Púcaros / Portela de Rebordelos

Freguesia RUIVÃES

Longitude 577,4

Latitude 4614,25

Descrição

O caminho do Outeiro dos Púcaros situa-se na vertente setentrional da Serra de Cantelães e encontra-se em mau estado de conservação. Mas são ainda visíveis alguns troços pavimentados com lajes graníticas, onde se observam as marcas dos rodados dos carros. Ladeado em quase toda a sua extensão por muros divisórios de propriedade, este caminho atravessa duas pequenas linhas de água, que no Inverno vazam pelo próprio caminho, contribuindo para a sua deterioração.

Segundo Argote, são provenientes da Portela de Rebordelos (proximidades do Outeiro dos Púcaros), dois miliários, um que estava num ribeiro, entre um prado, dedicado ao Imperador Cláudio, e um outro, quebrado, que estaria na parede desse mesmo prado, com “cinco palmos de alto, oito de grosso, e só tem estas letras XXXV.” Reproduzimos a seguir as transcrições feitas por Hubner (CIL = 4770 e 4772):

[CIL = 4770]

TI . CLAUDIVS .
AVG . GERMANI
PONT . MAX.
IMP . III . TRIB . POT
III . BRAC . AVG
XX

[CIL = 4772]

XXXIII .

Interpretação

Troço da antiga estrada Braga - Chaves.

Referências Bibliográficas (Argote 1734, 574; CIL = 4770/4772)

Sítio 127 Caminho de Ruivães

Freguesia RUIVÃES

Longitude 579,48

Latitude 4615,35

Longitude 578,1

Latitude 4614,5

Descrição

Este caminho tem início no lugar de Rebordondo (Portela de Rebordelos), da freguesia de Salamonde e vai até Ruivães. Conserva extensos troços pavimentados com lajeado, atravessando várias linhas de água nos Pontão da Ribeira de Corga de Mendo, Pontão da Ribeira de Chedas e a Ponte de Ruivães, sobre o rio do Saltadouro – ver fichas descritivas a seguir.

Interpretação

Troço da antiga estrada Braga - Chaves.

Sítio 125 Pontão da Ribeira de Corga de Mendo

Freguesia RUIVÃES

Longitude 578,2

Latitude 4614,4

Descrição

O Pontão da Ribeira de Corga de Mendo situa-se na Ribeira do mesmo nome. É uma típica ponte de padieira, formada por grossas e compridas lajes graníticas, dispostas transversalmente ao leito do rio, que vencem em vão único. São visíveis as marcas dos rodados dos carros.

Interpretação

Pontão que serve a antiga estrada Braga-Chaves no troço entre Salamonde e Ruivães.

Sítio 126 Pontão da Ribeira de Chedas

Freguesia RUIVÃES

Longitude 578,5

Latitude 4614,45

Descrição

O Pontão da Ribeira de Chedas situa-se na ribeira do mesmo nome. É uma construção com características idênticas às do pontão da ribeira de Corga de Mendo.

Interpretação

Pontão que serve a antiga estrada Braga-Chaves no troço entre Salamonde e Ruivães.

Sítio 128 Ponte de Ruivães

Freguesia RUIVÃES

Longitude 578,73

Latitude 4614,72

Descrição

Esta ponte, localmente também conhecida por Ponte de Pedra, Ponte Velha ou Ponte da Rês, é uma excelente obra de arte pontística, com um só arco de volta perfeita, em aparelho de cantaria bem esquadriada, bem alicerçado nas margens por dois poderosos arranques. De construção tardo-medieval, como sugerem as escassas siglas gravadas em algumas aduelas do intradorso do arco, deverá ter conhecido remodelações posteriores, como indicia a horizontalidade do tabuleiro.

Interpretação

Ponte que servia a antiga estrada Braga-Chaves.

Referências Bibliográficas (Fontes 1993, 56)

Sítio 129 Outeiro do Vale

Freguesia RUIVÃES

Longitude 578,7

Latitude 4615,35

Descrição

Pequeno outeiro que domina a vertente sobre a margem esquerda do rio Cávado. Quase no topo da elevação, virada ao lugar de Vale, foi construída uma capela dedicada a N^a Sr^a da Saúde. No corte do estradão que lhe dá acesso recolhem-se fragmentos de cerâmica de fabrico manual. Não se identificaram quaisquer outros vestígios nas pequenas plataformas que parecem armar o outeiro.

Interpretação

Pelas características topográficas do local e pela existência de cerâmica, interpretamos este local como um provável povoado.

Referências Bibliográficas (Fontes 1999, VM.09)

Sítio 136 Alto de S. Cristovam

Freguesia RUIVÃES

Longitude 580,2

Latitude 4615,2

Descrição

Na banda Norte do alvéolo, ao meio da coroa do outeiro de S. Cristovam, conservam-se vestígios de quatro sepulturas escavadas na rocha granítica - duas completas, de forma antropomórfica bem desenhada e duas incompletas, de que restam o topo das cabeceiras. Destinadas a enterrar adultos, têm os pés orientados para nascente e a cabeça para poente. Nos terrenos contíguos ao afloramento rochoso onde foram escavadas as sepulturas observam-se inúmeros alinhamentos de paredes arruinadas, desenhando edificações de planta rectangular e quadrada. A edificação que ostenta paredes mais espessas que as restantes é considerada pela população local como ruína de uma antiga igreja. Nas proximidades, abandonada contra um muro de divisão de propriedade, encontra-se a taça fragmentada de uma provável pia baptismal. Vários caminhos lajeados ligam este sítio a Ruivães e a Botica.

Interpretação

Interpreta-se este conjunto de vestígios como ruínas de um povoado medieval, correspondente à sede da extinta paróquia de São Martinho de Vilar de Vacas, referenciada nas Inquirições de 1258 e da qual terá evoluído a actual aldeia de S. Martinho de Ruivães. Da aldeia de São Martinho de Vilar de Vacas pode dizer-se que era sede de um território bastante povoado - no século XIII incluía as aldeias da actual freguesia de Campos.

É a este local que se deve reportar a referência de Jerónimo Contador de Argote relativa à existência de dois miliários, que situa “junto à Capella de S. Martinho (...) hum quebrado, e com letras, mas dellas se não pode colher o que dizião; tem dous palmos de comprido, oito de grosso. O outro não denota distância alguma, somente de clara ser mandado pôr por Cesar Augusto.” Reproduzimos a seguir as transcrições feitas por Hubner (CIL = 4775 e 4776):

[CIL = 4775]

CAESAR . AVG .
IMP . V . POT
III

[CIL = 4776]

ESAR AVG
STR XVIII

Referências Bibliográficas (Argote 1734, 575; CIL = 4775/4776; Peixoto 1967, 370; Barroca 1987, 152-153; Fontes 1999, VM.08; Vieira 2000, 377, 342, 434)

Sítio 130 Alto de S. Cristovam

Freguesia RUIVÃES

Longitude 580,2

Latitude 4615

Descrição

Dispersos pela plataforma superior e vertente NE do Outeiro do Curral, que se estende armada em socalcos pelo alvéolo em direcção à elevação de S. Cristovam, encontram-se abundantes fragmentos de cerâmica de construção tipo *imbrex* e *tegulae*, bem como grandes quantidades de blocos graníticos afeiçoados, de tamanho médio, reaproveitados nos muros de divisão das parcelas. No solo das diferentes plataformas identificam-se alguns alinhamentos incipientes de pedras, reveladores da existência de estruturas enterradas e recolhem-se fragmentos de cerâmica doméstica.

Interpretação

Com base na ergologia dos materiais, interpretamos este conjunto de vestígios como ruínas de um povoado ocupado em época romana. Dominando a encosta que faz a passagem do vale do rio Cávado ao vale do rio Rabagão, o povoado de S. Cristovam revela uma estratégia de implantação claramente relacionada com a passagem da via romana que ligava *Bracara Augusta* a *Asturica* por *Aquae Flaviae*.

Referências Bibliográficas (Fontes 1999, VM.08)

Sítio 137 Caminho de Santa Leocádia

Freguesia RUIVÃES

Longitude 580,5

Latitude 4615,6

Longitude 583,92

Latitude 4615

Descrição

Caminho antigo que se localiza, no sentido Ruivães - Arco, do lado esquerdo da EN 103, entre Pitões e Santa Leocádia, passando para o lado direito em Escadeirinhas até Cambedo. Este caminho ainda conserva parte dos muros laterais.

Dois miliários foram registados por Argote, que os descreve, um como sendo anepígrafe e um outro dedicado ao Imperador Trajano e que diria “dalli a Aquas Flaviae são dez léguas e tres quartos”. Reproduzimos a seguir a transcrição feita por Hubner (CIL = 4783):

IMP . CAES . TRAIANVS
AVG
P . M . TR . POTE . XX . REFECIT
AQVIS . FLAVIS
M . P . XLIII

Interpretação

Troço da antiga estrada Braga-Chaves.

Referências Bibliográficas (Argote 1734, 573-574; CIL = 4783)

Sítio 131 **Aldeia Velha da Portela**

Freguesia RUIVÃES

Longitude 578,15

Latitude 4612,15

Descrição

Dispersando-se por uma área aproximada de 2000 m² observam-se inúmeras estruturas arruinadas, correspondentes a edificações que desenham plantas rectangulares e sub-circulares, com dimensões próximas dos 2 x 3 metros, alternando com muros delimitadores de espaços maiores, com perímetro de cerca de 30 metros. As paredes foram construídas com lages de granito, montadas em aparelho de mamposteria. A presença de numerosas lages caídas no interior das estruturas sub-circulares parece corresponder ao abatimento de coberturas em falsa cúpula.

Interpretação

Interpretam-se os vestígios como correspondentes a uma "branda" pastoril, compostas por cabanas e currais, semelhante a outras conhecidas nas serras da Peneda e Soajo. Trata-se portanto de um sítio de ocupação sazonal, com uma cronologia que deverá situar-se entre finais da Idade Média e inícios da Idade Moderna. Os lameiros que terão servido esta branda estão hoje ocupados com uma pequena mancha florestal onde predomina o cedro.

Referências Bibliográficas (Fontes 1999, VM.01)

Sítio 132 **Chã de Arandosa**

Freguesia VILAR CHÃO

Longitude 577,64

Latitude 4610,35

Descrição

Neste local encontram-se restos de inúmeras edificações de planta rectangular com cerca de 4 metros de lado, dispostas em bandas contínuas ao longo de um eixo principal orientado NE / SO, que deverá corresponder a um arruamento. Cobrem uma área superior a 500 m². Conserva-se a parte inferior das paredes, formadas por grandes lages graníticas simplesmente encostadas e fíncadas no solo, aproveitando por vezes os próprios afloramentos naturais de rocha. Muitas outras

lages e blocos encontram-se tombados ao longo das paredes, onde se identificam ainda alguns vãos correspondentes às entradas. Não parece conservar-se sedimentação antrópica significativa. Não se recolhe qualquer tipo de espólio.

Interpretação

Do ponto de vista construtivo, encontramos paralelos para estes vestígios em arqueossítios da serra Amarela, como Chã da Torre e Porto Chão, no Lindoso. Nas construções da branda de Bilhares, Ermida, ou nas brandas da Peneda e do Soajo, do outro lado do rio Lima, bem como nas do vale alto do rio Vez, julgamos encontrar bons paralelos etnográficos para este tipo de aglomerados. Com base nestes paralelismos e valorizando a circunstância da implantação se fazer junto de bolsas de solos agricultáveis, neste caso acompanhada de socalcos, entendemos que estes núcleos de construção (tipo "pardieiros" ou "colmaços") serviriam uma exploração agrícola sazonal do sítio, funcionando como arrecadação e/ou abrigo episódico, bem como currais, também em regime de ocupação temporária. Pode, assim, classificar-se o sítio como "branda agro-pastoril", com uma cronologia que deverá situar-se entre finais da Idade Média e inícios da Idade Moderna.

Referências Bibliográficas (Fontes 1999, VM.13; Teixeira 1947, 50-54)

Sítio 139 Caminho de Zebral

Freguesia RUIVÃES

Longitude 578,29

Latitude 4612,5

Descrição

Caminho que ligava as antigas povoações de Espindo e Zebral, encontra-se relativamente bem conservado. Ladeado por muros de propriedade em quase todo o seu percurso, apresenta extensos troços pavimentados com lajes graníticas, nas quais se observam algumas marcas de rodados dos carros.

Interpretação

Caminho de ligação entre as povoações de Zebral e Espindo, com uma cronologia que pode seguramente recuar-se à Idade Média.

Sítio 138 Caminho de Espindo a Cantelães

Freguesia RUIVÃES

Longitude 578,9

Latitude 4613,3

Descrição

Caminho que cruza a serra da Cabreira pelo Cabeço da Vaca e que ligava antigamente as povoações de Espindo e Cantelães, pela vertente Sul da serra de Cantelães. Apresenta alguns pequenos troços pavimentados com lajes graníticas e parte foi sobreposto e/ou cortado por estradões florestais.

Interpretação

Caminho que ligava as populações de Espindo e Cantelães, com uma cronologia que pode seguramente recuar-se à Idade Média.

Sítio 141 Ponte de Campos

Freguesia Campos

Longitude 582,75

Latitude 4613,15

Descrição

Construção de um arco de volta perfeita bem alicerçado nas margens graníticas através de parâmetros de aparelho rude em mamposteria de calhaus e blocos graníticos mal afeiçoados. O arco apresenta um aparelho cuidado com aduelas “cúbicas” de modulação regular. O piso do tabuleiro, lageado, assenta ao centro da ponte no extradorso das aduelas do arco, reduzindo a lomba em cavalete do tabuleiro. Com largura inferior a 3 metros, que se apresentava originalmente sem guardas (tem actualmente uma guarda baixa formada por blocos de cimento, que sustentam uma vedação de arame), vence um vão com cerca de 6 metros de comprimento e mais de 3 metros de altura.

Grande parte do caminho que da aldeia de Campos segue até esta ponte, apresenta bons troços de pavimento lageado, característica que justificou a fixação do topónimo Ladeira de Campos.

Interpretação

Esta ponte, relacionável com a rede de comunicações vicinais de Campos, apresenta uma estereotipada “estética medieval”, apesar das suas características construtivas serem mais frequentes em época moderna.

Referências Bibliográficas (Fontes 1999, VM.10)

**

Do conjunto dos dados supramencionados, destaca-se a existência de povoados pré-romanos na vertente Norte das serras de Cantelães/Cabreira, como sejam os Outeiro do Crasto (Nossa Senhora da Conceição), Outeiro da Coroa e Nossa Senhora do Vale. Não se identificam povoados fortificados “castrejos” na vertente Sul (os castros de Anissó e de Vila Seca vinculam-se ao vale do Ave e não à vertente da serra da Cabreira). O castro de Linharelhos, a nascente, vincula-se já ao planalto do Barroso, implantando-se estrategicamente sobre o troço inicial do Rabagão.

De igual modo, e também na vertente Norte, registamos para além da romanização dos povoados fortificados acima nomeados, o povoado romano de São Cristóvão, aparentemente fundado *ex nihilo*, o qual, considerando a sua dimensão e localização, admitimos que possa corresponder a uma *mansio* que servisse a via (para ser a Salacia mencionada no “Itinerário de Antonino”, haveria que corrigir a distância aí indicada). Não se identificam povoados romanos na vertente Sul.

Quanto aos vestígios de via antiga correspondente à ligação Braga – Chaves, identificam-se troços mais ou menos extensos na vertente Norte, destacando-se os da Rechã, Sudro, Salamonde – Ruivães e de Botica – Paredinha. Apresentam características construtivas que aceitam a sua inclusão na tipologia viária romana, definindo um traçado contínuo, sinuoso mas suave, progredindo sem declives acentuados. A este traçado estão associados os miliários de Portela de Rebordelos (entre Salamonde e Ruivães), de Ruivães / São Cristóvão (ditos de São Martinho de Zebral), e os de Botica - Santa Leocádia. Não se identificam quaisquer vestígios do mesmo tipo na vertente Sul.

Outros troços de caminhos carreteiros lajeados, servindo moinhos, lameiros e cabanas de pastoreio ou antigos povoados medievais e de época moderna, identificam-se nas duas vertentes da serra. Trata-se de testemunhos de redes viárias antigas, de nível vicinal, local ou regional. Admitimos que alguns desses troços possam ter origem pré-romana e/ou romana e muitos outros poderão ter origem medieval. Aos primeiros corresponderão vias de ligação entre os grandes povoados pré-romanos, que poderão ter constituído redes secundárias em época romana, estabelecendo a ligação entre as bacias do Cávado/Rabagão e do Ave, designadamente pela margem direita deste rio até às proximidades de Briteiros, a partir de onde já se poderia navegar até ao litoral. Aos segundos, de cronologia plenamente medieval, correspondem redes viárias locais, estruturadas em torno da sede da Terra de Vieira (o castro/castelo de Vila Seca) e do mosteiro de São João

de Vieira, as quais se articulam com os grandes eixos viários medievais regionais do interior minhoto (Guimarães, Póvoa de Lanhoso e Cabeceiras de Basto).

Dados documentais

Para este trabalho consideramos as “Inquirições” de 1220 e de 1258, mandadas fazer pelos reis Afonso II e Afonso III, e as “Memórias Paroquiais”, correspondentes ao Dicionário Geográfico do Reino de Portugal organizado pelo Padre Luis Cardoso, dando cumprimento ao Inquérito Nacional ordenado pelo rei José I em 1758.

As “Inquirições” documentam-nos um povoamento intenso e perfeitamente estruturado no território correspondente ao actual concelho de Vieira do Minho, relevando, no que respeita ao objectivo do nosso trabalho, a maior densidade de núcleos de povoamento na vertente Norte e a sua rarefacção na vertente Sul, respectivamente, com 29, (S. Martinho de Soengas, S. Mamede da Caniçada, S. Pedro de Cela, Louredo, S. Paio de Fornelos, S. João da Cova, Faldrem, Currelo, Penedo, Crasto, Quintães, S. Martinho de Ventosa, Penedo, S. Gens de Salamonde, Rio Mau, Santo Estevão de Cantelães, Quintães, Fares, Vilar de Vacas/São Cristovão, Campos, Lamalonga, Ruivães, Zebral, Frades, St^a Locádia, Espindo, Soutelos, Pinheiro e Quintã), e 19 (Pepim, S. Simão de Real, S. Julião de Tabuaças, Loureiro, S. Paio de Eira Vedra, Villar, Terrafeita, Loureiro, Paço, Espaço, Chãos, Outeiro, Vieira, Vila Seca, Sanguinhedo, Cortegaça, St^a Maria de Pinheiro, Penedos e Tabuadelo), lugares povoados.

Consideramos ainda de particular importância as referências a uma via principal apenas na vertente Norte.

Refere-se também alguns limites de propriedades e/ou paróquias, nomeando-se muitos topónimos, que persistem na actualidade.

As “Inquirições” testemunham-nos também, uma diferente organização administrativa, vinculando-se a vertente Norte a duas circunscrições, os Julgados de Penafiel de Soaz e do Barroso e a vertente Sul ao Julgado de Vieira.

Relativamente às “Memórias Paroquiais”, recolhe-se informação detalhada sobre o povoamento, limites territoriais e rede de comunicações, destacando-se especialmente as menções à passagem da “estrada” Braga – Chaves.

Apresentamos a seguir alguns extratos da documentação acima referida, sublinhando-se as passagens que consideramos mais significativos para análise do traçado da antiga via romana Braga – Chaves:

”(INQ 1258, 1504) “*Item, in collatione Sancti Johannis de Cova (...) et subtus carrariam j. leiram et est ibi aliam de vinca (...)*”.

”(INQ 1258, 1505) “*Item, in collatione Sancti Martini de Ventosa (...) Item subtus viam iij. leiras de quibus dant iij. alqueires panis anuatim (...)*

”(INQ 1258, 1511) “*Item, in collatione Sancti Martini de Vilar de Vacas (...) Item, de regalengo de Villa de Zevral (...) Item, dixit quod per lagea et deinde ad petram de Alguergue de Canadas, deinde ad penedum qui dicitur Testa de Caballo, deinde ad molendium de Comite, deinde ad Soverariam Veteram, deinde ad penedum de Revordino, deinde ad Paixom, deinde ad crucem de Fonteelas, deinde ad ad Penedum, deinde sub Gea contra ad Misarela, deinde per Gea (...)
(...) Anta de Ligoo usque ad ma(rcum) de Cesares quanti ibi habi(tav)erint in ipsis campis et ibi la(bora)verint, dant Domino Regi an(nuatim) quitam partem tocius fructus (...)”*

nota

O sítio do povoado de São Cristóvão (Ruivães) veio a conhecer uma importante ocupação medieval, correspondente à paróquia de São Martinho de Vilar de Vacas, que se despovoou no decurso dos séculos XV-XVI, transferindo-se para a actual Ruivães. Em São Cristóvão conservam-se as ruínas do primitivo templo dedicado a São Martinho, a par de vestígios de sepulturas antropomórficas e fragmentos da pia baptismal. É a esta “capela de São Martinho”, já arruinada no século XVIII, que se deve reportar o achado de dois fragmentos de miliários romanos, que Argote e depois alguns historiadores, erroneamente, referenciam como “capela de São Martinho de Zebral”.

(Capela 2000, 92) “(...) E no rio do arco tem huma ponte de pedra de hum arco que fica na estrada que vai e vem de Braga para Chaves estrada munto continuada” [S. Vicente de Campos].

(Capela 2000, 94) “A dita freguesia é do termo do Concelho de Ribeira de Soaz compreende quatro lugares que são Estrada, Cibrão, São Miguel, Caniçada com o Outeiro.” [S. Mamede da Caniçada].

(Capela 2000, 145) “Não tem privilégios antiguidades nem cousas dignas de memória, mais do que muitas voltas que da estrada que por aqui vai para Chaves por razão de o monte ter altos e baixos e não correr seguido donde veio a serem nomeadas em toda a parte as voltas de Salamonde” [S. Gens de Salamonde].

(Capela 2000, 164) “(...) Compõe-se de sete lugares esta freguesia: Bouças, Eirós, Quintã, Paredes, Estrada, Correlho e Ventosa (...) Fica este sítio na estrada que vai para Chaves (...)” [S. Martinho de Ventosa].

Dados orais

As referências orais foram obtidas por interrogatório directo a indivíduos adultos, quase sempre idosos, do sexo masculino e feminino, moradores nas localidades e que se contactaram no decurso dos trabalhos de campo.

No Pousadouro, na freguesia de Tabuaças, o caminho antigo é facilmente reconhecido pela população, como sendo o “caminho romano” e o lugar de Pousadouro como sendo o sítio onde “os romanos pousavam”.

Na Rechã a população diz que o caminho mais antigo era o que registamos como a antiga via Braga – Chaves. O mesmo se passou no lugar do Sudro, onde a população ainda reconhece, não só o caminho antigo, como também, a existência de antigas tabernas que davam assistência aos viajantes.

Os habitantes de Salmonde dizem que o caminho antigo era “a estrada romana que ia para Chaves”. Quanto à localização da Portela de Rebordelos, esta situa-se no limite de Salamonde com Ruivães, conforme identificam os moradores de Salamonde, e não em Lamalonga / Campos, onde nenhum habitante idoso reconhece esse topónimo. Admitimos mesmo que corresponda ao actual topónimo Rebordondo, já referido nas Inquirições de 1258 como Revordino, e nas “Memórias Paroquiais” de 1758 como Rebordelos.

Dados historiográficos

Dos inúmeros estudos sobre o traçado da via romana Braga - Chaves, entendemos seleccionar para confronto com a nossa análise apenas 3. Todos os outros trabalhos publicados repetem, de forma mais ou menos desenvolvida, esses três estudos seleccionados. Alguns outros propõem variantes pontuais de traçado, sem qualquer base documental, arqueológica ou topográfica. Porque não aportam novos dados ou porque não apresentam propostas cientificamente fundamentadas, esses trabalhos não foram considerados aqui.

Dos três seleccionados apresentamos a seguir a leitura crítica:

ARGOTE, Frei Jerónimo Contador d' (1734), – *Memorias para a historia ecclesiastica do Arcebispado de Braga. Título I. Da Geografia do Arcebispado Primaz de Braga, e da Geografia Antiga da Provincia Bracarense*, Tomo Segundo, Lisboa.

Trata-se do primeiro trabalho sistemático sobre a matéria, que serviu de fonte a todos os restantes estudos, aí se referenciando pela primeira vez muitos dos miliários que marcavam a via ao longo do seu traçado.

O autor refere-se ao assunto em vários pontos da sua obra, composta por vários volumes publicados entre 1732 e 1747, mas é no volume II (Tomo Segundo), publicado em 1734, que aborda o tema mais detalhadamente, entre as páginas 570 e 610.

Depois de referir a existência de miliários, de compulsar as fontes antigas, diversos estudos contemporâneos e informação epistolar, especialmente de Álvares de Figueiredo (o Bispo de Uranopolis), Jerónimo Contador de Argote admite a existência de dois traçados para a via Braga/Chaves, um mais antigo (Imperador Augusto) e outro mais recente (Imperador Vespasiano), mas descreve apenas um

traçado, fazendo-o passar pela vertente Norte das serras de Cantelães/Cabreira. No fim do capítulo acaba por transcrever dois traçados, um pela vertente Norte e outro pela vertente Sul, sobre o qual não se debruçou mas que tem o cuidado de referir ser «opinião de uma pessoa inteligente, que por ordem, e à custa do ilustríssimo Bispo de Uranopolis, observou com cuidado a sobredita estrada» (p.586-588).

A proposta de Argote procura ultrapassar imprecisões relativamente à localização de miliários e de troços de via, que o próprio autor reconhece, mas que se revela incapaz de solucionar, especialmente por desconhecimento da geografia da região. É este desconhecimento que o impede de resolver as deficiências decorrentes de tratar informação em terceira mão, pois os dados que utiliza são os que lhe transmite o Bispo de Uranopolis que, por sua vez, os recebera de estudiosos e informadores locais, como o padre António Machado Villasboas, Pedro da Cunha Sottomayor, frei Manuel de Sá ou ainda o capitão de infantaria António de Araújo de Azevedo (*Colecção da Academia Real das Ciências*, Ano de 1724, n.º XXX, p 6-7 e Ano de 1725, n.º XIII, p 9-10).

Os erros respeitam especialmente à localização dos miliários na zona de Ruivães, como decorre das referências de Argote aos miliários achados próximo de Campos, mas dados como provenientes da Portela de Rebordelos e aos miliários «fora da estrada actual de Braga a Chaves, nas vizinhanças porém dela, e sítios por onde podemos conjecturar rodeava a estrada romana», como sejam, os dois miliários localizados em Zebral, «junto à Capella de S. Martinho» (sic).

Como já escrevemos acima, a localização da Portela de Rebordelos deve ser corrigida, pois não se vincula à freguesia de Campos, onde este topónimo é desconhecido, mas sim aos limites da freguesia de Salamonde com Ruivães, como vem mencionado nas Memórias Paroquiais de 1758, (Capela 2000, 146), e onde inúmeros moradores a localizam nas proximidades do Outeiro dos Púcaros.

Por sua vez, em Zebral não existe nenhuma capela de São Martinho, mas sim uma capela de São Pedro, orago já referenciado em 1709 (Index do Arquivo da Sé 1851), e em 1758 (Capela 2000,133). Como é pouco provável que tenha havido engano na identificação do orago, admitimos que esta capela de São Martinho possa corresponder à antiga igreja da paróquia medieval de São Martinho de Vilar de Vacas, que posteriormente deu origem a Ruivães e cujas ruínas se conservam no sítio de São Cristovão, Ruivães. A referência a esta capela como sendo de Zebral será portanto um erro, compreensível pelo facto de o termo de Zebral ser então mais extenso (na Idade Média aproximava-se da Mizarela).

Na perspectiva da identificação da via antiga, o hagiopónimo São Cristovão adquire particular relevância, pois trata-se do santo protector dos viajantes, aspecto que deve ser valorizado na consideração da proximidade das ruínas de São Cristovão em relação à via.

CAPELA, Martins (1987) (=1895) - *Miliários do Conventus Bracaraugustanus em Portugal*, (2ª ed., com introd. José V. Capela), Câmara Municipal de Terras de Bouro, Terras de Bouro.

Martins Capela foi o primeiro investigador com efectivo conhecimento do território que tratou das questões relacionadas com a viação romana. Procurou validar as informações no terreno, o que lhe permitiu, considerando a sua larga experiência, confirmar o traçado proposto por Argote, isto é, o traçado da vertente Norte por Salamonde e Ruivães. Rejeitou, assim, todos os outros traçados, com base em critérios de natureza arqueológica e topográfica, como sejam a existência de miliários e a impraticabilidade de traçados pelas cumeadas da serra.

BARRADAS A. Lerenó, (1956), – *Vias romanas das regiões de Chaves e Bragança*. Revista de Guimarães, 66 (1-2), Guimarães.

Em 1956, Lerenó Barradas publica aquele que consideramos o trabalho mais completo e rigoroso, ainda hoje plenamente válido, sobre o traçado Braga – Chaves. Infelizmente nada acrescenta à parte do traçado entre Braga, Póvoa de Lanhoso e Vieira do Minho, limitando-se o autor a subscrever os traçados propostos por Jerónimo Contador de Argote e Martins Capela.

Mas esta aceitação do traçado pela vertente Norte é importante, pois, mais do que qualquer outro investigador, Lerenó Barradas teve por base a recolha exaustiva de dados arqueológicos relativos à ocupação romana e um minucioso conhecimento do terreno, que percorreu inúmeras vezes. Se, porventura, tivesse recolhido dados que lhe permitissem propor um traçado diferente, não deixaria de o fazer.

4. Proposta de traçado

Com base nos dados arqueológicos, documentais, historiográficos e orais acima expostos, consideramos que o traçado da via romana Braga – Chaves no território do actual concelho de Vieira do Minho, se desenvolvia pela vertente Norte das serras de Cantelães e Cabreira, cruzando as freguesias de Tabuaças, Soengas, Caniçada, Ventosa, Cova, Louredo, Salamonde, Ruivães e Campos.

A ligação viária Braga - Chaves pela vertente Norte serve povoados “castrejos” romanizados, povoados romanos e um intenso povoamento medieval. Está materializado em troços de via antiga, que permitem restituir o traçado integral e tem associados, pelo menos, seis miliários: 2 na Portela de Rebordelos, no limite Salamonde/Ruivães (Argote 1734, 574; CIL = 4770 / 4772); 2 miliários ditos de São Martinho de Zebral, que já vimos ser em Ruivães / São Cristóvam (Argote 1734, 575; CIL = 4775/4776); e por último, 2 em Botica, (Argote 1734, 573 / 574; CIL = 4783).

O traçado pela vertente setentrional é ainda referenciado na documentação medieval (século XIII) e moderna (XVIII) e é identificado pela tradição oral como “estrada romana”, “estrada das carroças das mulas” ou simplesmente como “antiga estrada de Braga”.

Nada disto se verifica ou documenta na vertente Sul, concluindo-se que a antiga ligação viária Braga – Chaves nunca teve um traçado pelo lado meridional da serra.

Na definição do traçado foi tido em consideração, também, o factor climático. A vertente Norte, apesar da sua orientação, é uma vertente protegida pelo maciço da serra do Gerês. Apresenta-se ainda muito recortada, com muitos

pequenos alvéolos e interfluvios que beneficiam de boa exposição solar e de microclimas amenos.

A vertente Sul, menos recortada e apesar da sua orientação, é mais agreste, pela sua exposição desabrigada às chuvas e aos ventos frios do planalto barrosão.

Importa assinalar que o traçado proposto evita as neves do Inverno, sendo transitável todo o ano.

Descrevemos a seguir, detalhadamente, esse traçado.

A antiga estrada Braga – Chaves sai do concelho de Póvoa de Lanhoso em Botica de Cima e entra no concelho de Vieira do Minho em Pousadouro, freguesia de Tabuaças. Atravessa o lugar, onde ainda se perserva, cruzando com a EN 103 nas Cerdeirinhas, a Norte desta. Deste ponto, até ao KM 71, a via foi sobreposta pela actual estrada nacional 103, passando a ser visível a Sul da actual EN, percorrendo o lugar da Rechã, freguesia da Caniçada, saindo novamente à EN 103 ao Km 72. Continua sob a EN 103 até ao lugar do Penedo, freguesia de Ventosa. Neste lugar a via inflete ligeiramente à direita onde ainda se encontram troços de via, tornando a estar sobreposta pela EN 103 até ao lugar das Gavinheiras, freguesia de Cova. A antiga estrada entra nas Gavinheiras, à direita da EN 103, percorrendo poucos metros até sair novamente à EN 103, junto à Capela N^a Sr^a da Begonha.

A via segue sobreposta pela EN 103 até ao lugar do Outeiro, freguesia de Louredo, a Sul da actual estrada, onde parte da via se encontra por baixo de habitações, cruzando com a EN 103, junto ao entroncamento que dá acesso ao lugar de Cela. A antiga estrada só é novamente observada no lugar do Sudro, ainda na freguesia de Louredo, situada a Sul da actual EN, estando o incio da via por baixo de casas. A via atravessa todo o lugar e desaparece mais adiante no

cruzamento com a EN 103, que rebaixou significativamente o traçado, sendo visível no talude Sul estratigrafia lenticular horizontal que poderá corresponder ao antigo traçado.

A antiga estrada é novamente visível no lugar da Aldeia, Salamonde, onde inflete à direita e percorre a parte velha do lugar, saindo à EN um pouco antes da Capelas das Almas. Sabemos por informações orais que a via passava em frente a esta capela, seguindo novamente pelo que é hoje a EN 103, sendo visível junto à Casa da Devesa, a Sul da actual estrada nacional. Segue pela portela do Outeiro dos Púcaros, passaria pela Ponte da Mua, tendo sido cortada pela estrada nacional, e segue depois do lado esquerdo da EN.

Da Ponte da Mua a via é contínua até Ruivães, passando os Pontões de Corga de Mendo e de Chedas. Foi cortada na Quinta da Cruz seguindo até Ponte de Rês ou Ponte Velha, como é conhecida, saindo novamente à estrada actual, no centro da povoação. Aqui em Ruivães torna a ter vestígios do lado direito da EN, por cima da igreja, sendo perceptível até ao aqueduto. Daqui passa para o lado esquerdo da EN, onde se vêem alguns troços da via. Em Pitões é sobreposta por algumas casas, mas torna a ser observável até Santa Leocádia, ainda do lado esquerdo. Do KM 92 até sensivelmente ao lugar da Paredinha a via é sobreposta pela actual estrada, sendo novamente visível a Sul da actual estrada, até ao KM 96. De Cambedo até à Ponte do Arco a via encontra-se submersa.

5. Conclusões e Recomendações

Depois de uma análise minuciosa dos dados arqueológicos, documentais e orais e de confrontar todos os dados historiográficos disponíveis, foi proposto um traçado pela vertente Norte, que consideramos corresponder à antiga estrada romana Braga – Chaves.

Efectivamente, os dados arqueológicos estão presentes, na sua maioria, na vertente Norte, da mesma maneira que as fontes documentais apenas nos relatam passagens sobre uma via ou estrada na vertente Norte. Os dados orais apenas referenciam uma estrada romana, também, na vertente Norte, sendo desconhecida pela população na vertente Sul. Por último, na historiografia, da qual confrontamos e analisamos os autores mais relevantes, constatamos que todos os autores aceitam a passagem de uma via romana na vertente Norte.

Apesar de algumas dificuldades decorrentes do desaparecimento da via antiga sob a actual estrada nacional e de não se conhecer o paradeiro de qualquer dos miliários referenciados, consideramos ter conseguido defenir com rigor o traçado da antiga estrada romana Braga – Chaves no concelho de Vieira do Minho.

Os troços conservados, alguns de grande extensão, justificam a elaboração de uma proposta de classificação patrimonial, que sustente o desenvolvimento de projectos de conservação, estudo e valorização. Nesta perspectiva, recomenda-se:

a) Limpeza dos troços conservados, com remoção de depósitos acumulados sobre a via, corte da vegetação arbustiva e remontagem parcial dos muros laterais.

b) No troço entre as freguesias de Salamonde e Ruivães, especialmente bem conservado, recomenda-se, se não houver receptividade por parte do proprietário, a expropriação da ligação na Quinta da Cruz, por manifesto interesse público.

c) Alguns dos vestígios arqueológicos conexos à via devem também ser objecto de classificação. Recomenda-se especialmente a renovação da proposta de classificação do povoado de S. Cristovam, correspondente à extinta sede paroquial medieval de Vilar de Vacas.

Braga e Vieira do Minho, Junho de 2004

Luis Fernando de Oliveira Fontes

Ana da Costa Roriz

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 21, 2012

Bibliografia

ALARCÃO, Jorge de (1988), *Roman Portugal*, II, Warminster.

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1968), *Vias Medievais Entre Douro e Minho*, Dissertação para Licenciatura em História, Faculdade de Letras do Porto.

ARGOTE, Frei Jerónimo Contador d' (1732), – *Memorias para a historia ecclesiastica do Arcebispado de Braga. Título I. Da Geografia do Arcebispado Primaz de Braga, e da Geografia Antiga da Provincia Bracarense*, Tomo Primeiro, Lisboa

(1734), – *Memorias para a historia ecclesiastica do Arcebispado de Braga. Título I. Da Geografia do Arcebispado Primaz de Braga, e da Geografia Antiga da Provincia Bracarense*, Tomo Segundo, Lisboa

BAPTISTA, José Dias (1990), – *Via Prima (A Via Imperial Romana de Braga/Astorga)*. *Aqua Flaviae*, 3, Chaves.

BARRADAS A. Lereno, (1956), – *Vias romanas das regiões de Chaves e Bragança*. *Revista de Guimarães*, 66 (1-2), Guimarães, pp. 159-241.

CAPELA, Martins (1987), - *Miliários do Conventus Bracaraugustanus em Portugal*, (2ª ed., com introd. José V. Capela), Câmara Municipal de Terras de Bouro, Terras de Bouro.

CAPELA, José Viriato, e Borralheiro, Rogério (2000), - *Vieira do Minho nas Memórias Paroquiais de 1758*, Edição da Câmara Municipal de Vieira do Minho e Vieira Cultura e Turismo, E.M.

CIL = HUBNER (E.)

Collecçam dos Documentos, e Memorias da Academia real da Historia Portugueza, (1724). Ordenada pelo Marquez de Alegrete Manoel Telles da Sylva, secretario da mesma Academia. Na officina de Pascoal da Sylva. Lisboa.

(1725). Ordenada pelo Marquez de Alegrete Manoel Telles da Sylva, secretario da mesma Academia. Na officina de Pascoal da Sylva. Lisboa.

COSTA, Avelino de Jesus da (2000), – *O Bispo D. Pedro e a Organização da Arquidiocese de Braga*, (2.ª ed. refundida e ampliada), vol. II, Irmandade de S. Bento da Porta Aberta, Braga.

FONTES, Luis Fernando de Oliveira (1993) - *Itinerários do Românico*, Região de Turismo Verde Minho, Braga.

(1999) – *Arqueossítios da Serra da Cabreira*, (CD-ROM), CIASC, Vieira do Minho.

FREITAS, Bernardino José de, (1890). *Memórias de Braga*. Tomo I, Braga.

HÉRVAS, José Manuel Roldán, (1975), – *Itineraria Hispania, Fuentes Antiguas de las Vías Romanas en la Península Ibérica*, Departamento de Historia Antigua – Universidad de Valladolid, Departamento de Historia Antigua – Universidad de Granada

HUBNER (E.), *Corpus Inscriptonum Latinarum*, II, Berlim 1869, 1892 (suplemento). (=CIL).

INDEX DO ARQUIVO DA SÉ (1851), mandado fazer pelo Provisor Manuel Gomes Soares.

(INQ.1220), *Portugaliae Monumenta Historica. Inquisitiones*, I e II Academia das Ciências, Lisboa, 1888.

(INQ.1258), *Portugaliae Monumenta Historica. Inquisitiones*, II, Academia das Ciências, Lisboa, 1888.

LEMOS, Francisco Sande (2000), - *A Via Romana entre Bracara Augusta e Asturica Augusta, por Aquae Flaviae* (contributo para o seu estudo), in Revista de Guimarães, Vol. 110, Guimarães.

MONTALVÃO, António, (1971), - *Notas sobre vias romanas em terras flavienses*, Bragança.

PINHEIRO, José Henriques (1895), - *Estudo da Estrada Militar Romana de Braga a Astorga*, Imprensa Civilização, Porto.

SARMENTO, Francisco Martins, (1999). - *Antiqua*. Apontamentos de Arqueologia. Leitura e organização de António Amaro das Neves. Sociedade Martins Sarmiento.

SILVA, Armando Coelho Ferreira da (1986), - *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*, Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira.

TRANOY, Alain (1981, - *La Galice Romaine. Recherches sur le nor-ouest de la péninsule ibérique dans l' Antiquité*, Publications de Centre Pierre Paris, Collection de La Masion des Pays Ibériques, Paris

Fontes, L. e Roriz, A. (2012) – O traçado da via romana *Bracara – Asturica*, por *Aquae Flaviae*, no Concelho de Vieira do Minho

VIEIRA, J.C. Alves (1925), - *Vieira do Minho. Notícia Histórica e Descritiva*, União Gráfica, Vieira do Minho.

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 21, 2012

Figuras

Fig. 1 - Localização da área de estudo no Noroeste de Portugal

Fig. 2 – Carta 1:25000 com traçado da via romana *Bracara – Asturica*, por *Aquae Flaviae*, no concelho de Vieira do Minho

Fig. 3a – Fotografia aérea à escala 1:12500, com traçado da via romana *Bracara - Asturica*, por *Aquae Flaviae*, no concelho de Vieira do Minho

(metade Oeste)

Fig. 3b – Fotografia aérea à escala 1:12500, com traçado da via romana *Bracara - Asturica*, por *Aquae Flaviae*, no concelho de Vieira do Minho

(metade Este)

Fotografias

Foto 1 – Troço da via antiga Braga - Chaves na Rechã

Foto 2 – Antiga taberna junto à via antiga Braga - Chaves na Rechã

Foto 3 – Troço da via antiga Braga - Chaves na Rechã

Foto 4 – Troço da via antiga Braga - Chaves no Penedo

Foto 5 – Troço da via antiga Braga - Chaves no Penedo

Foto 6 – Troço da via antiga Braga - Chaves nas Gavinheiras

Foto 7 – Antiga taberna na via antiga Braga - Chaves, nas Gavinheiras

Foto 8 – Troço da via antiga Braga - Chaves no Outeiro

Foto 9 – Troço da via antiga Braga - Chaves no Outeiro

Foto 10 – Casas antigas situadas junto da via antiga Braga - Chaves, no Sudro

Foto 11 – Troço da via antiga Braga - Chaves no Sudro

Foto 12 – Troço da via antiga Braga - Chaves no Sudro

Foto 13 – Troço da via antiga Braga - Chaves no Sudro

Foto 14 – Antiga estrebaria situada na via antiga Braga - Chaves, no Sudro

Foto 15 – Troço da via antiga Braga - Chaves no Sudro

Foto 16 – Início da via antiga Braga - Chaves na Aldeia

Foto 17 – Troço da via antiga Braga - Chaves na Aldeia

Foto 18 – Troço da via antiga Braga - Chaves na Aldeia

Foto 19 – Parte da via antiga Braga - Chaves na Aldeia

Foto 20 – Troço da via antiga Braga - Chaves na Aldeia

Foto 21 – Antiga taberna situada na via antiga Braga - Chaves da Aldeia

Foto 22 – Pontão de Corga de Mendo, na via antiga Braga - Chaves (entre Salamonde e Ruivães)

Foto 23 – Troço da via antiga Braga – Chaves junto ao pontão de Corga de Mendo

Foto 24 – Troço da via antiga Braga - Chaves, na margem esquerda da Ribeira de Saltadouro

Foto 25 – Tabuleiro da Ponte de Rês, sobre a Ribeira do Saltadouro

Foto 26 – Ponte de Rês

Foto 27 – Troço da via antiga Braga - Chaves, nas proximidades de Ruivães (margem direita da Ribeira do Saltadouro)

Foto 28 – Troço da via antiga Braga - Chaves, nas proximidades de Soutelo / Paredinha

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 21, 2012

O traçado da via romana *Bracara - Asturica*, por *Aquae Flaviae*, no concelho de Vieira do Minho

ADENDA

Luis Fernando de Oliveira Fontes

Ana da Costa Roriz



Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho

Braga - 2004

Introdução

Nesta adenda ao relatório “O traçado da via romana *Bracara - Asturica*, por *Aquae Flaviae*, no concelho de Vieira do Minho”, descrevem-se dois sítios cujas fichas, por lapso, não se incluíram no relatório inicial.

Um respeita ao Pontão da Mua, que fazia ligação do Caminho do Outeiro dos Púcaros / Portela de Rebordelos, (sítio nº 134) ao Caminho de Ruivães, (sítio nº 127) e um segundo diz respeito ao Miliário da Ponte do Arco, hoje colocado no jardim junto ao paredão da Barragem da Venda Nova.

Integram esta Adenda duas fichas descritivas relativas aos Sítios de “Pontão da Mua” e “Miliário da Ponte do Arco” e 4 Figuras correspondentes à sua cartografia às escalas 1:10000 e 1:25000.

Sítio 175 Pontão da Mua

Freguesia SALAMONDE

Longitude 577,9

Latitude 4614,6

Descrição

A Ponte da Mua, como é conhecida, é de facto um Pontão em granito, do tipo padieira sobre pilares e encostos ciclópicos. O seu estado de conservação é razoável. Actualmente não é transitável. Fazia a ligação da antiga estrada.

Interpretação

Pontão que fazia a ligação da estrada romana, entre o Caminho do Outeiro dos Púcaros e o Caminho de Ruivães.



Pontão da Mua



Pontão da Mua

Sítio 485 Miliário da Ponte do Arco

Freguesia CAMPOS

Longitude 584,65

Latitude 4614,8

Descrição

Coluna em granito de grão médio. Mede cerca de 1,20 m de altura e 0,95 m de diâmetro médio. Não é perceptível qualquer epígrafe, tendo apenas 2 cruzeiros latinas gravadas em baixo relevo. Está no terreno ajardinado correspondente ao parque de merendas existente junto ao paredão da barragem da Venda Nova.

Interpretação

Trata-se de um miliário, coluna que, à beira das estradas romanas, indicava, em milhares de passos, as distâncias entre povoações. Pensamos que este miliário é o mesmo que Jerónimo Contador d'Argote, Martins Capela e Hubner descrevem, como miliário anepígrafe, proveniente da Ponte do Arco.

No decurso do trabalho encontramos algumas pessoas que sempre viveram em Ruivães e Campos, e que nos informaram que a peça que aqui descrevemos “*apareceu aquando das obras da barragem, tendo sido colocado no sítio actual, há cerca de 50 anos*” - a Senhora Cândida, que habitou na Venda Nova, lembra-se de sempre ver o miliário no jardim e ainda da antiga Ponte do Arco, hoje submersa, no percurso que fazia para a escola.

Referências Bibliográficas (Argote 1734, 573-574), (Capela 1987, 56), (CIL= 4773 b); (Baptista 1990, 164 - 169)

ARGOTE, Frei Jerónimo Contador d' (1734), – *Memorias para a historia ecclesiastica do Arcebispado de Braga. Título I. Da Geografia do Arcebispado Primaz de Braga, e da Geografia Antiga da Provincia Bracarense, Tomo Segundo, Lisboa.*

“(…) Junto ao lugar de Boticas (...), à vista do rio Canhua, estão dous Padroens levantados para parte do Poente, Hum deles não tem letras, (...)”.

CAPELA, Martins (1987) (=1895) - *Miliários do Conventus Bracaraugustanus em Portugal, (2ª ed., com introd. José V. Capela), Câmara Municipal de Terras de Bouro, Terras de Bouro.*

“(…) Na extrema N. Desta freguezia jaz ao pé da estrada nova um miliário analphabeto e logo a poucos passos a ponte do Arco de constuição romana (...)”.

CIL = 4774 b

“sine litteris”



Miliário da Ponte do Arco



Miliário da Ponte do Arco



Miliário da Ponte do Arco – pormenor das cruzes

Bibliografia

ARGOTE, Frei Jerónimo Contador d' (1732), – *Memorias para a historia ecclesiastica do Arcebispado de Braga. Título I. Da Geografia do Arcebispado Primaz de Braga, e da Geografia Antiga da Provincia Bracarense*, Tomo Primeiro, Lisboa

(1734), – *Memorias para a historia ecclesiastica do Arcebispado de Braga. Título I. Da Geografia do Arcebispado Primaz de Braga, e da Geografia Antiga da Provincia Bracarense*, Tomo Segundo, Lisboa

BAPTISTA, José Dias (1990), – *Via Prima (A Via Imperial Romana de Braga/Astorga)*. *Aqua Flaviae*, 3, Chaves.

CAPELA, Martins (1987), - *Miliários do Conventus Bracaraugustanus em Portugal*, (2ª ed., com introd. José V. Capela), Câmara Municipal de Terras de Bouro, Terras de Bouro.

CIL = HUBNER (E.)

HUBNER (E.), *Corpus Inscriptonum Latinarum*, II, Berlim 1869, 1892 (suplemento). (=CIL).

Fotografias

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 21, 2012



Foto 1 – Troço da via antiga Braga - Chaves na Rechã



Foto 2 – Antiga taberna junto à via antiga Braga - Chaves na Rechã



Foto 3 – Troço da via antiga Braga - Chaves na Rechã



Foto 4 – Troço da via antiga Braga - Chaves no Penedo



Foto 5 – Troço da via antiga Braga - Chaves no Penedo



Foto 6 – Troço da via antiga Braga - Chaves nas Gavinheiras



Foto 7 – Antiga taberna na via antiga Braga - Chaves, nas Gavineiras



Foto 8 – Troço da via antiga Braga - Chaves no Outeiro



Foto 9 – Troço da via antiga Braga - Chaves no Outeiro



Foto 10 – Casas antigas situadas junto da via antiga Braga - Chaves, no Sudro



Foto 11 – Troço da via antiga Braga - Chaves no Sudro



Foto 12 – Troço da via antiga Braga - Chaves no Sudro



Foto 13 – Troço da via antiga Braga - Chaves no Sudro



Foto 14 – Antiga estrebaria situada na via antiga Braga - Chaves, no Sudro



Foto 15 – Troço da via antiga Braga - Chaves no Sudro



Foto 16 – Início da via antiga Braga - Chaves na Aldeia



Foto 17 – Troço da via antiga Braga - Chaves na Aldeia



Foto 18 – Troço da via antiga Braga - Chaves na Aldeia



Foto 19 – Parte da via antiga Braga - Chaves na Aldeia



Foto 20 – Troço da via antiga Braga - Chaves na Aldeia



Foto 21 – Antiga taberna situada na via antiga Braga - Chaves da Aldeia



Foto 22 – Pontão de Corga de Mendo, na via antiga Braga - Chaves (entre Salamonde e Ruivães)



Foto 23 – Troço da via antiga Braga - Chaves junto ao pontão de Corga de Mendo



Foto 24 – Troço da via antiga Braga - Chaves, na margem esquerda da Ribeira de Saltadouro



Foto 25 – Tabuleiro da Ponte de Rês, sobre a Ribeira do Saltadouro



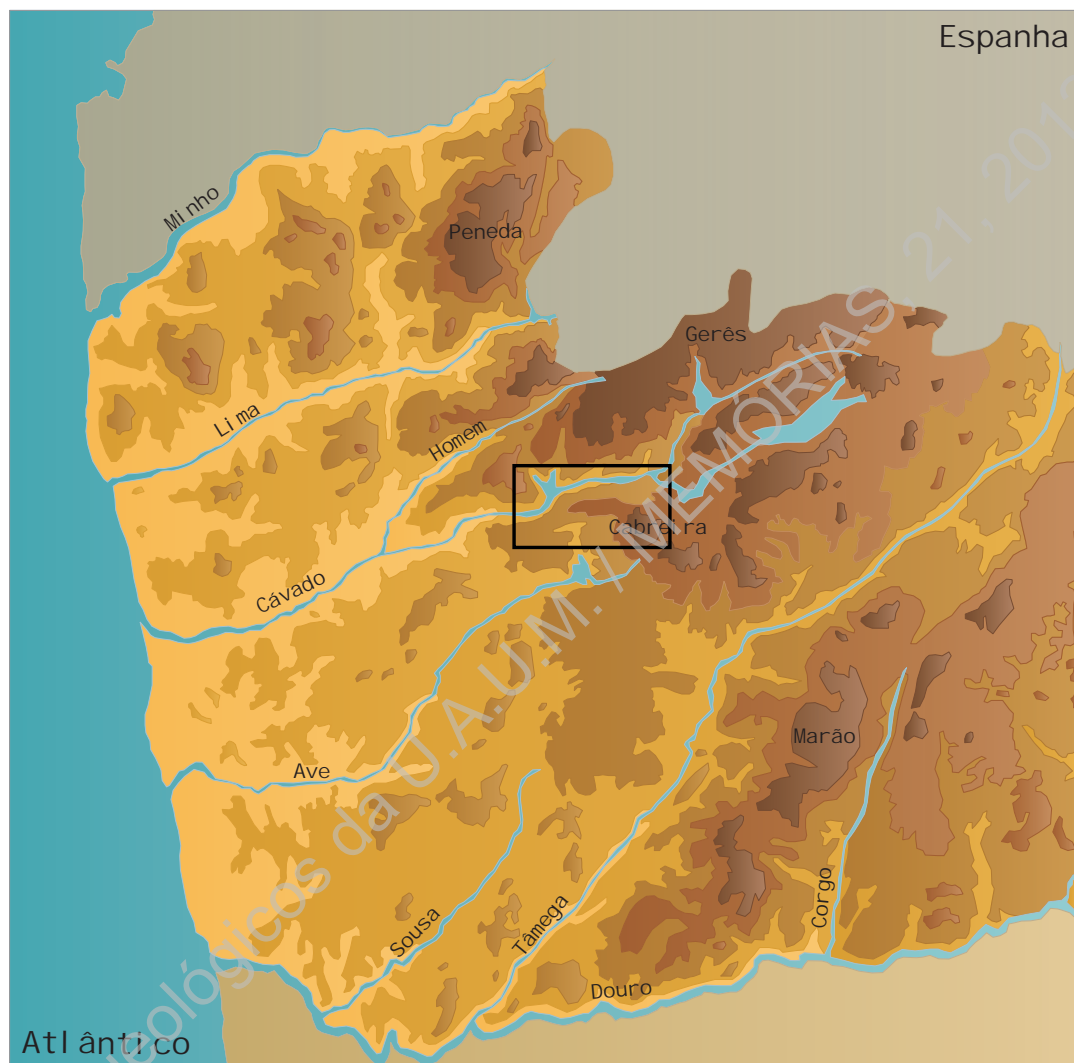
Foto 26 – Ponte de Rês

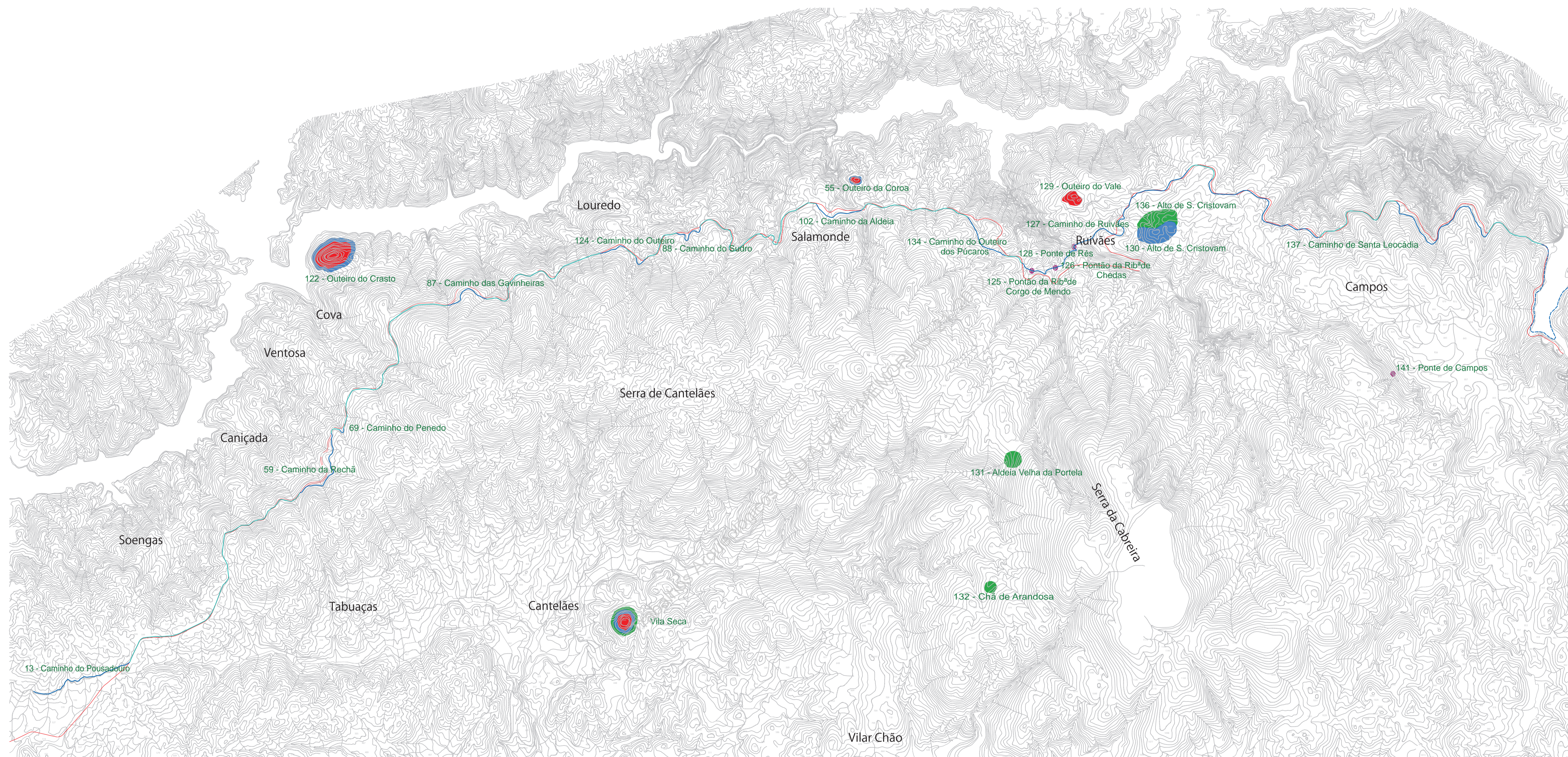


Foto 27 – Troço da via antiga Braga - Chaves, nas proximidades de Ruivães (margem direita da Ribeira do Saltadouro)











Foto 28 – Troço da via antiga Braga - Chaves, nas proximidades de Soutelo / Paredinha





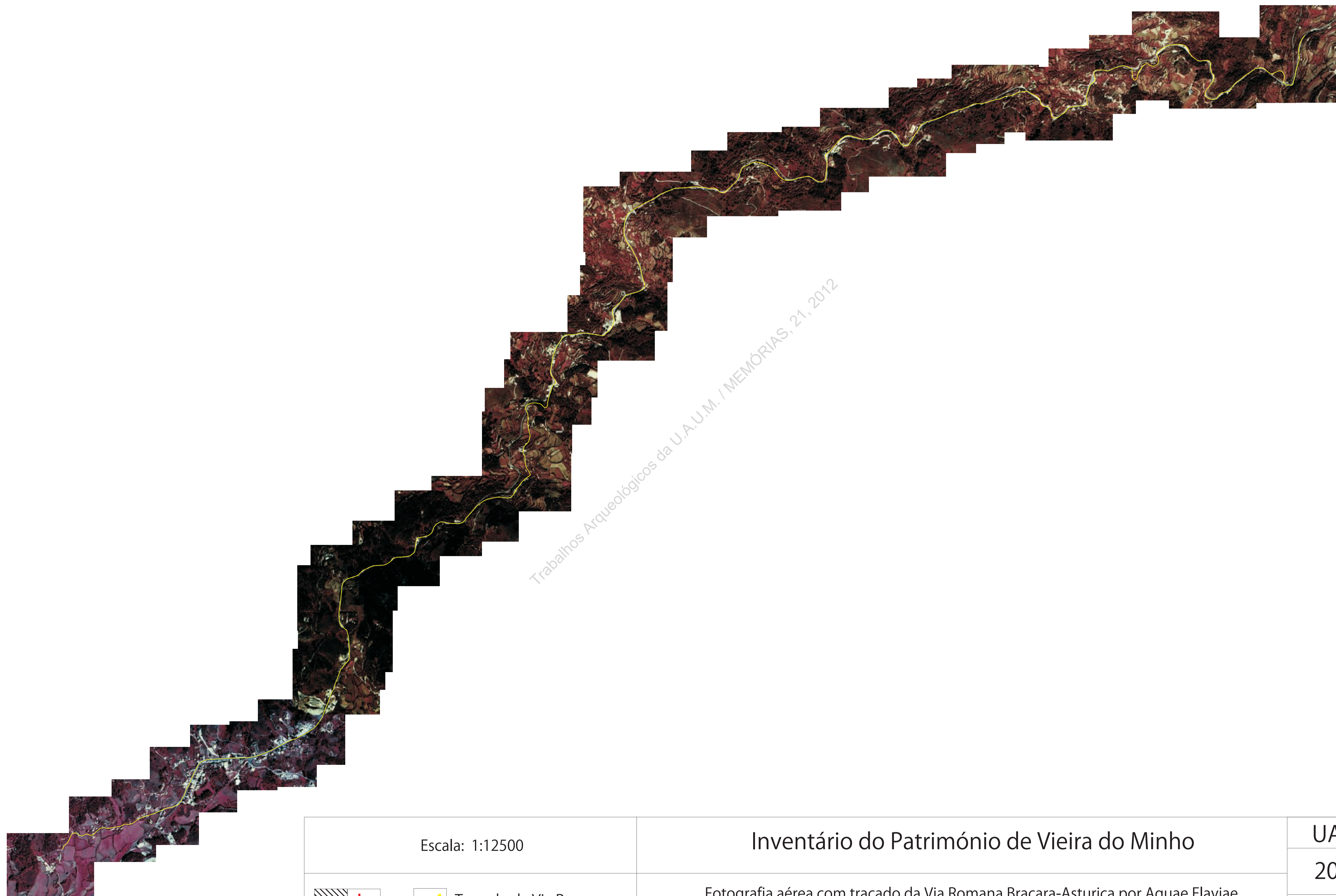
Escala: 1:25000

- | | | | | | | | |
|------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------|--------------|---------------------------------------------------------------------------------------|----------|
|  | Traçado da Via Romana conservado |  | Traçado da Via Romana submerso |  | Pré - Romano |  | Medieval |
|  | Traçado da Via Romana desaparecido |  | Estrada Nacional 103 |  | Romano |  | Moderno |

Inventário do Património de Vieira do Minho

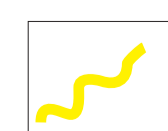
Traçado da Via Romana Bracara-Asturica por Aquae Flaviae,
no Concelho de Vieira do Minho

UAUM
2004
Fig. 2



Escala: 1:12500

Inventário do Património de Vieira do Minho



Traçado da Via Romana

Fotografia aérea com traçado da Via Romana Bracara-Asturica por Aquae Flaviae
(fotografia falsa cor / SNIG=<http://ortos.igeo.pt>)

UAUM

2004

Fig. 3a



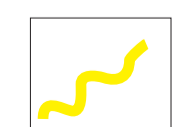
Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 21,

Escala: 1:12500

Inventário do Património de Vieira do Minho

UAUM

2004



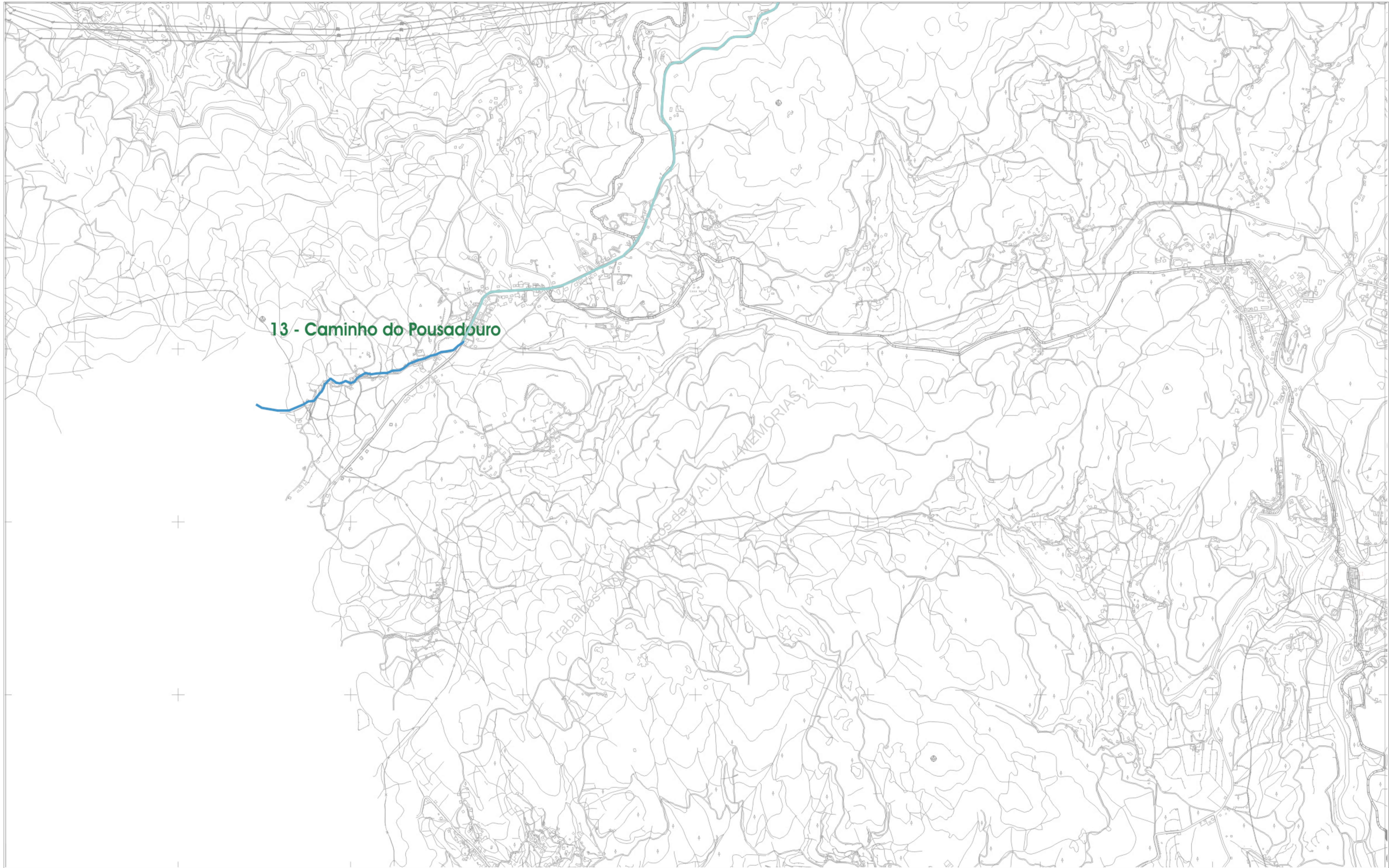
Traçado da Via Romana



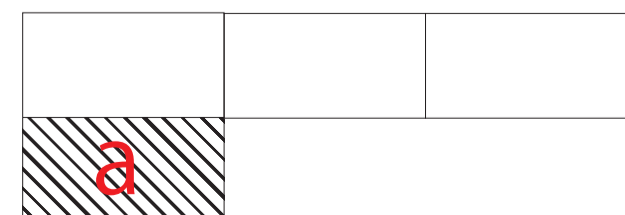
Traçado da Via Romana submersa

Fotografia aérea com traçado da Via Romana Bracara-Asturica por Aquae Flaviae
(fotografia falsa cor / SNIG=<http://ortos.igeo.pt>)

Fig. 3b



Escala: 1:10000



Traçado da Via Romana conservado



Traçado da Via Romana desaparecido

Inventário do Património de Vieira do Minho

Traçado da Via Romana Bracara-Asturica por Aquae Flaviae,
no Concelho de Vieira do Minho

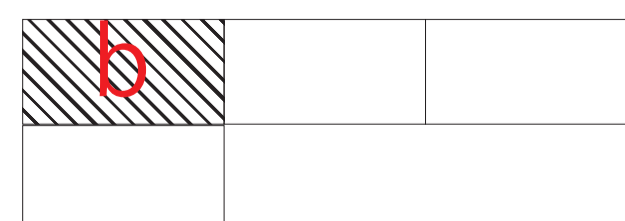
UAUM

2004

Fig. 4a



Escala: 1:10000



 Traçado da Via Romana conservado

 Traçado da Via Romana desaparecido

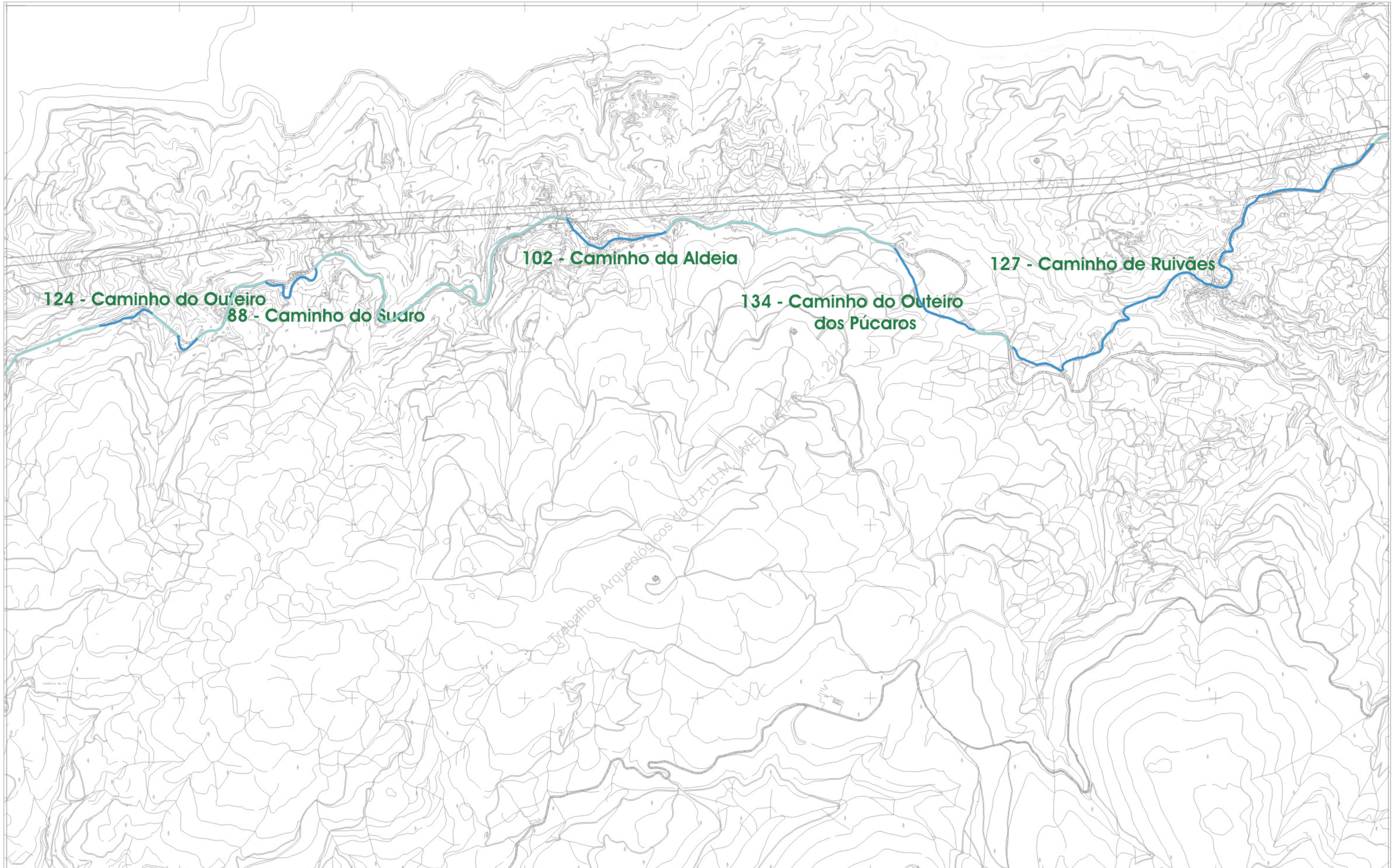
Inventário do Património de Viera do Minho

Traçado da Via Romana Bracara-Asturica por Aquae Flaviae,
no Concelho de Viera do Minho

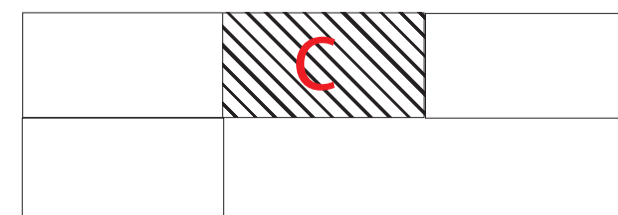
UAUM

2004

Fig. 4b



Escala: 1:10000



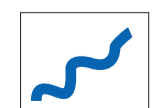
Inventário do Património de Vieira do Minho

Traçado da Via Romana Bracara-Asturica por Aquae Flaviae,
no Concelho de Vieira do Minho

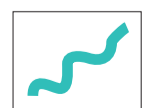
UAUM

2004

Fig. 4c





Traçado da Via Romana conservado



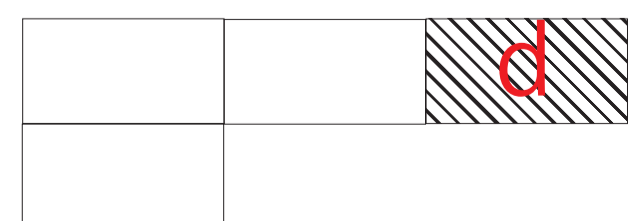
Traçado da Via Romana desaparecido



Escala: 1:10000

 Traçado da Via Romana conservado
 Traçado da Via Romana desaparecido

 Traçado da Via Romana submerso



Inventário do Património de Vieira do Minho

Traçado da Via Romana Bracara-Asturica por Aquae Flaviae,
no Concelho de Vieira do Minho

UAUM

2004

Fig. 4d